

IRON MAN, DE BLACK SABBATH, E A ESCALADA PARA OS EXTREMOS

Milton Gustavo Vasconcelos Barbosa
Doutorando em Ciências Criminais (PUCRS)

Wilson Franck Junior
Mestrando em Ciências Criminais (PUCRS)

Resumo: Os autores fazem uma análise da Escatologia cristã à luz da teoria mimética e do conceito militar de “escalada para os extremos”, usando como mote a letra da música “Iron Man” da banda inglesa Black Sabbath. A escatologia é um conjunto de doutrinas (entre elas a cristã), que comungam da ideia de que o mundo chegará a um “fim”, comumente chamado de Apocalipse ou Armageddon. A letra da música que empresta fundo ao texto, narra o fim do mundo sob a perspectiva do “Iron Man”, um personagem que, apesar de ter salvado os homens, foi rejeitado por eles. Então o ele viaja no tempo, para o futuro, momento em que destrói a humanidade. O presente artigo traça um paralelo entre a mensagem do “Homem de Ferro” e os prenúncios do Apocalipse bíblico, numa análise interdisciplinar.

Palavras-chave: Cultura. Apocalipse. Simbologia no Rock. Violência. Teoria mimetic.

Abstract: The authors make an analysis of Christian eschatology in the light of mimetic theory and military concept of "escalation to the extremes", using as a motto the words of the song "Iron Man" by the English band Black Sabbath. Eschatology is a set of doctrines (including the Christian), who share the idea that the world will come to an "end", commonly called the Apocalypse or Armageddon. The lyrics that lends background to the text narrates the end of the world from the perspective of "Iron Man," a character who, despite having saved the men, was rejected by them. So he travels back in time to the future, when you destroy humanity. This paper draws a parallel between the message of "Iron Man" and harbingers of the Apocalypse Bible, an interdisciplinary analysis.

Key-words: Culture. Revelation. Symbolism in Rock. Violence. Mimetic theory

INTRODUÇÃO

Além de um clássico do Rock, “Iron Man”, segunda faixa do álbum *Paranoid* (1971), da banda britânica Black Sabbath, contém uma das letras mais misteriosas e fascinantes da história do Rock. Ela suscitou variadas interpretações sobre seu significado. Não falta quem afirme, por exemplo, que a inspiração da canção vem do personagem homônimo da Marvel Comics; tratar-se-ia, para esses intérpretes, de uma versão musical para o *Iron Man* dos quadrinhos – e que recentemente ganhou também as telas dos cinemas - que retrata a jornada de Tony Stark, empresário do ramo de armamento que decide

combater o mal usando uma armadura robótica de alta tecnologia. Mas essa é uma interpretação que julgamos superficial. É claro que poderá ter havido inspiração estética neste personagem. Mas nem por isso se poderia afirmar que se trata da mesma história. O significado da letra é mais profundo. Mas que outra história se oculta por trás das linhas de Iron Man? O que é dito em suas entrelinhas é uma escatologia, um prenúncio do fim. Inserida na tradição profética, a letra retrata o fim dos tempos, isto é, o retorno de Cristo. Quanto mais importante essa mensagem é importante para os homens, mais ela é esquecida, por isso a letra de Iron Man é uma tentativa de lembrar aos homens a possibilidade real da guerra total. Valeremos-nos dela para discutirmos, a partir de uma interpretação livre, o fenômeno da escalada para os extremos da violência humana, que tem assolado a modernidade e contemporaneidade. Julgamos, na esteira de René Girard¹, que essa *escalada* é o desdobramento da revelação cristã, isto é, da inocência do bode expiatório, que traz consigo a chave para a desintegração da ordem cultural humana e a conseqüente disseminação da violência.

1. A REVELAÇÃO DO ASSASSINATO FUNDADOR

Partiremos da hipótese Girardiana² de que a cultura humana se inicia em um vento fundador, em um acontecimento primordial que forçou a passagem do homem em estado de natureza, para o estágio cultural ou civilizacional. Esse evento teria sido um linchamento coletivo, que possibilitou a cessação do que Hobbes chamaria de “guerra de todos contra todos” e o advento da “guerra de todos contra um”. Os efeitos pacificadores da canalização da violência passaram a ser repetidos através da emulação do evento fundador, a essa emulação chamamos de “sacrifício ritual”. O objetivo do sacrifício é repetir o evento fundador mítico, canalizando novas ondas de violência contra uma nova vítima (vítima esta, substituta da original).

¹ GIRARD, René. **Rematar Clausewitz**. Traduzido por Pedro Sette-Câmara. São Paulo: É Realizações, 2011

² Referente às ideias antropológicas de René Girard, antropólogo, filósofo e filólogo francês radicado nos Estados Unidos da América. A hipótese central da obra antropológica do autor será aqui resumida em uma brevíssima síntese. Para saber mais, *vide*: GIRARD, René. **A violência e o Sagrado**. Traduzido por Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 1990; GIRARD, René. **O bode expiatório**. Traduzido por Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004; GIRARD, René; OUGHOURLIAN, Jean-Michel; e LEFORT, Guy. **Coisas Ocultas Desde de a Fundação do Mundo**. Traduzido por Martha Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

Apenas as sociedades que aprenderam a “tecnologia” do sacrifício puderam sobreviver aos intermináveis ciclos de violência que vitimavam a maior parte dos homens pré-históricos. Pode-se dizer que todas as religiões pré-cristãs são sacrificiais, ou seja, a repetição do evento fundador através do sacrifício foi a pedra angular sobre a qual se erigiram todas as culturas humanas. Mas para que os sacrifícios gerassem efeitos catárticos, necessário era que sobre a vítima fosse atribuída toda a responsabilidade sobre a crise que o ritual pretendia aplacar. Sobre ela se formava a ilusão mítica de que a comunidade, eliminando-a, livrar-se-ia de toda e qualquer mazela, visto que eliminara a própria essência do mal.

Ainda para Girard³, o cristianismo revelava o que estava oculto desde a fundação do mundo, a inocência das vítimas sacrificiais, inocência, enfim, de todos os perseguidos pela comunidade. Essa revelação, iniciada na Torá e consolidada nos Evangelhos, é o saber que destrói todas as culturas humanas, já que, deslegitima o próprio fundamento da autoridade e das estruturas sociais. A mensagem cristã revela o segredo que tornava possível a ordem comunitária, e sua lenta disseminação pelo mundo conduz ao retorno ao estado de natureza. O “Apocalipse”, da escatologia cristã, nada mais é do que o retorno da guerra de todos contra todos, anunciado por Jesus a seus discípulos. O saber trazido por Cristo é a cultura anticultural, o *logos* que destrói a cultura e o consenso, que revoga as leis escritas com o sangue de todas as vítimas sacrificiais.

No Sinédrio queriam a todo custo que Jesus confessasse ser o filho de Deus enviado para libertar o povo de Israel. Não se tratava, pensamos, apenas de condená-lo usando contra ele suas próprias palavras (pretendiam incriminá-lo sob a acusação de blasfêmia). Ali também havia uma disputa, visto que Jesus casou escândalo entre os sábios, intérpretes da lei, os mesmos que "construíram seus templos sobre o túmulo dos profetas assassinados desde a fundação do mundo"(Lc, 11-47). Homens que tiveram a chave conhecimento, mas não entraram nem permitiram que ninguém entrasse no reino de Deus.

O Saber que ao mesmo tempo destrói o consenso é o mesmo que abole todas as diferenças sociais. A ordem cultural, o templo dos “intérpretes da lei” e todo o sistema de Justiça iriam ruir quando os mecanismos da violência comunitária fossem finalmente desmistificados. Cristo, portanto, veio trazer a “espada” para este mundo. Ele tornou impossível que os homens se reconciliem às custas de um “bode expiatório”. Por estarmos

³ GIRARD, René; OUGHOURLIAN, Jean-Michel; e LEFORT, Guy. **Coisas Ocultas Desde de a Fundação do Mundo**. Traduzido por Martha Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

privados, para sempre, das muletas sacrificiais⁴, teremos de aprender perdoar uns aos outros, mas seremos capazes? Ninguém o crê, nem Cristo. Como afirma Girard⁵, o cristianismo é a única religião que prevê o seu próprio fracasso. A sua chegada, ao mesmo tempo que marca o fim do sacrifício, inaugura o gradual retorno dos duplos, pois o cristianismo sabe que os irmãos inimigos não serão capazes de perdoar-se. Sua racionalidade é apocalíptica: "quando o filho do homem voltar, encontrará fé na Terra?" (Lc 18-8) A pergunta traz consigo a resposta: "pois se levantará nação contra nação e reino contra reino." (Mt 24-7)

Ao trazer à luz do dia o segredo que encerrava a totalidade, Cristo a transforma em violência pura. Nietzsche, se olharmos dessa perspectiva, tinha razão: a tradição judaico-cristã foi o pior dos males que poderia ter surgido para a humanidade. Após a revelação, a violência já não serve de fundamento a nada: ela agora só pode gerar cada vez mais ressentimento e vingança.⁶ Os justiceiros, depois de desacreditada sua "justiça" não passam de assassinos. A violência que antes fora sagrada, torna-se de todo profana, e tudo retorna ao ponto inicial.

2. O TEMPO INDEFINIDO ENTRE A REVELAÇÃO E A PARUSIA

*"Ele foi transformado em aço/ No poderoso campo magnético/
Quando viajou no tempo/ Pelo futuro da humanidade/Ninguém o
queria/ Ele só contemplava o mundo/ Planejando sua vingança/
Que em breve se realizaria"* (Iron Man, Black Sabbath)

A entrada em cena de Cristo coincide com a chegada do tempo linear⁷. Já não é possível repetir o ciclo mimético que encerrava e iniciava pelo mecanismo vitimário. O tempo linear destrói o tempo ritual, impossibilitando não apenas o retorno dos deuses, senão a própria reconciliação promovida pelos sacrifícios. O "Homem de Ferro", do Black Sabbath, veio desnudar a violência humana, expô-la ao mundo, para alertar sobre as coisas

⁴ GIRARD, René. **Rematar Clausewitz**. Traduzido por Pedro Sette-Câmara. São Paulo: É Realizações, 2011.

⁵ Idem.

⁶ GIRARD, René. **Rematar Clausewitz**, p. 174.

⁷ Ao contrário dos mitos, a "paixão de Cristo" passasse inteiramente em um tempo histórico. Nas cerimônias cristãs não há ritos que permitam acessar o tempo passado. Ao contrário dos rituais das religiões sacrificiais, que conduzem os participantes as "eterno presente" do tempo mítico, no cristianismo o tempo é linear e não modulado. O tempo cristão, conforme nos informa Santo Agostinho, é eterno fluir, não volta ao passado e nem para de correr.

últimas que irão suceder. Cristo, ao fazê-lo, sofreu o mesmo destino dos profetas que o precederam. Sua morte, como veremos, é a chave da revelação cristã.

“A escalada para os extremos é o rosto que a verdade agora assume para mostrar-se aos homens”⁸. Mas um rosto que não é mais *humano*. É uma face transfigurada em aço da guerra que aguarda aos homens, pois o “retorno” de Cristo se confunde com o fim do mundo, e é isso o que ninguém quer ver, nem ouvir. Entre a anunciação do fim e a sua consumação, há um tempo indefinido. A recusa, a cegueira, são as suas marcas desse tempo: com elas cresce também a violência, cada vez mais colérica, cada vez mais estéril. É a lógica sacrificial que se desmantela após a paixão, pois sua unanimidade é rompida com o testemunho da inocência de Cristo. A crucificação esgota o sacrifício: o tempo que se segue após a paixão será o da progressiva desintegração da ordem cultural, da aceleração dos ciclos de vingança até a consumação final da violência humana. Se a ordem nas comunidades humanas ocidentais, após a revelação, mantém-se por meio da racionalização do sacrifício, esta ruirá, como um velho edifício do qual as colunas não suportam seu próprio peso.

Um anúncio disto está na a epístola aos Tessalonicenses, em que Paulo tenta acalmar aos fiéis impacientes pelo atraso da Parusia. Ele lhes diz que creiam e não creiam nas Potestades e nos Principados. Ele quer dizer que não é preciso se revoltar, pois o próprio sistema irá desabar por si só. Pois a Paixão tornará este mundo cada vez mais satânico, e que Satã, dividido contra si próprio torna-se incapaz de expulsar-se⁹. O tempo que se insere entre a paixão e a vingança do “Homem de Ferro” pode ser definido como um tempo de lenta retração da religião, de perda de referenciais, de inquietação e interrogações sem respostas. É o que sugere a letra de canção:

*“Ele enlouqueceu?
Ele pode ver ou ele é cego?
Ele pode andar direito,
Ou se ele se mover ele cairá?
Ele está vivo ou morto?
Tem pensamentos em sua cabeça?
Apenas larguem ele ali,
Por que deveríamos nos importar?”*

3. MODERNIDADE: UMA ESCALADA PARA OS EXTREMOS

⁸ GIRARD, René. **Rematar Clausewitz**, p. 177

⁹ O talião é descrito pela fórmula bíblica: “Satã expulsa Satã”, o que representa que a violência teria poderes de remediar outras violências.

“Ninguém o queria/ Eles só viravam as cabeças/ Ninguém o ajudava/ Agora ele tem sua vingança”(Iron Man, Black Sabbath)

A morte dos valores Cristãos pela recusa da imitação à Cristo, combinado com a privação do mecanismo vitimário, constituem os ingredientes do Apocalipse. O valor Cristão do perdão, entendido como total renúncia à violência, não pode ser assumido num mundo cada vez mais pagão. Temos exemplo disso em Nietzsche e, em boa medida, na Filosofia Naturalista, cuja influência fez predominar o relativismo dos valores, vistos apenas como signos da vontade de potência do homem, sem nenhum outro sentido senão o da manutenção do poder. Nesse cenário observamos, também, a subjetivação do valioso. O que vale para um não valerá, necessariamente, ao outro. Logo, não é possível fundar o entendimento entre os homens, senão apenas a divisão, o dissenso, a guerra. Mas depois da guerra, virá a reconciliação? A utopia hegeliana também não nos ajuda. A crença na reconciliação após o conflito só pode contribuir para a aceleração da escalada apocalíptica. Será possível acreditar em uma reconciliação após Auschwitz ou Hiroshima? O que o pós-hegelianismo descobriu é que a tendência para os extremos não pode senão agudizar-se, desmistificando qualquer reconciliação. É a ilusão da violência criadora da paz que ilustra a realidade e loucura das guerras. Por acreditar na positividade dos conflitos humanos, a dialética de Hegel constitui uma fase da ascensão filosófica e espiritual do mundo moderno. Foi pela própria crítica ao idealismo hegeliano que Marx exigiu que os homens assumissem eles mesmos essas violências. Lênin, por sua vez, censurará Marx por não ser suficientemente violento. Assim, a violência se torna cada vez mais indispensável ao advento da paz entre os homens.¹⁰ Mas o paradoxo é esta já não gera paz nenhuma, senão apenas mais violência. A paz somente será encontrada quando a guerra tiver consumido todas as vidas humanas, quando sobrar apenas pedra sobre pedra, aos pés do “Homem de Ferro”. Embora essa “guerra moderna” aspire à paz, seu destino jamais será alcançá-la: “a imitação recíproca e furiosa da URSS e do Terceiro Reich provocou a ‘guerra absoluta’ em que morreram dezenas de milhões de inocentes, e em que morre na Europa também a guerra como instituição.”¹¹ Experienciar a escalada para os extremos da violência significa perder a fé na reconciliação hegeliana. Também não é mais possível crer que a política e o direito poderão conter as guerras, convertê-las em algo juridicamente regulado, como

¹⁰ GIRARD, René. **Rematar Clausewitz**, p. 94.

¹¹ GIRARD, René. **Rematar Clausewitz**, p.91

pretendia Carl Schmitt. A escalada para os extremos só pode ser regulada em seus próprios termos. Ele só respeita a sua própria lei: a reciprocidade.

A modernidade amplificou a escalada violenta, que ao mesmo tempo é uma escalada ilusória para “liberdade”. Ilusória porque quanto mais livres os homens acreditam ser, tão mais escravos eles se tornam. Enquanto o Eu cumpre sua vocação, que é divinizar-se, recusa reconhecer o problema temível que lhe põe a presença do Outro. O homem “moderno” vive a ilusão do autotelismo, da autenticidade do desejo, mas na verdade está, como em nenhuma outra época, alienado pelo “outro”. Tentará resolver esse problema no plano prático, submetendo o rival a um teste de superioridade.¹² É o orgulho mundano move o mundo moderno; orgulho este que não suporta a indiferença, prefere o ódio. Crendo-se livres e superiores uns aos outros, os homens tornam-se escravos. Neste mundo em que todos são reis, com planos de glória secretos para seus próprios reinos – que só existem na imaginação, no subsolo da existência que contrasta terrivelmente com o real – toda a pompa e majestade mundana só se torna acessível com o furto da coroa alheia. A condição da liberdade moderna é essa escravidão: por não se satisfazer jamais com o que tem, por não possuir um modelo externo que lhe diga o que é bom e desejável, o homem moderno acaba, inevitavelmente, desejando o que é do outro. Nesse caso os conflitos parecem inevitáveis. Torna-se impossível cunhar referências de Justiça que conduzam à reconciliação desses pequenos déspotas.

Gustav Radbruch (o primeiro, que ainda não havia conhecido o direito penal nacional-socialista alemão) preferia sofrer uma injustiça a ter de viver no caos. Goethe também. Ambos temiam era o caos decorrente do relativismo da “justiça”. Mas este ocorre fundamentalmente porque cada um de nós avoca para si a “justiça”, em detrimento da “justiça” do rival. Pensamo-nos sempre inocentes e imputamos a culpa ao “outro”, pois é sempre ele, este eterno injusto, quem nos ataca sem razão alguma. Cremos sinceramente não termos ações frente aos outros, mas unicamente reações legítimas. Mas estranhamente, o “Outro” que acusamos, pensa exatamente o mesmo de nós. O paradoxo não pode ser resolvido sem uma escolha sacrificial. Essa escolha torna-se impossível num mundo todos identificam-se como vítimas.

4. O QUE RESTA APÓS O *KATÉCHON*?

¹² GIRARD, René. *Dostoievski: do duplo à unidade*. Tradução de Roberto Mallet. São Paulo: É realizações, 2011, p. 91-92.

“Agora é a hora/ Para o Homem de Ferro espalhar o medo/
Vingança vinda do túmulo/ Matando as pessoas que um dia
salvou” (Iron Man, Black Sabbath)

A mensagem dos Evangelhos sobre o mecanismo vitimário contido na revelação cristã disseminou-se lentamente. Durante séculos, ela foi parcialmente ocultada pela leitura sacrificial promovida pela Igreja Católica Romana, que, para manter seu poder secular, também perseguiu seus “bodes expiatórios”, em especial os judeus¹³. Essa foi a única forma de fundar uma “cultura cristã”, formar uma cultura que tem em seu gérmen o *Lógos* destruidor de todas as culturas. A Igreja Romana tentou manter sob controle esse saber cristão que poderia corroer as estruturas sociais e levar ao caos¹⁴.

Dostoiévsky descreveu com maestria o funcionamento do cristianismo sacrificial medieval. Em seu livro *Os Irmãos Karamazov*¹⁵ há um longo poema em prosa chamado *O Grande Inquisidor*. A história nele contida se passa na Baixa Idade Média, em Sevilha, durante a jurisdição da Santa Inquisição. Narra o poema que o Grande Inquisidor, ancião de aproximadamente noventa anos, caminhava nas ruas da cidade um dia após ter mandado executar uma centena de hereges. Em seu passeio, depara-se com um homem que faz um milagre, ressuscitando uma criança pequena. Imediatamente reconhece o Cristo, que já havia sido reconhecido pelo povo em seu retorno profetizado. O velho bispo, então, manda que prendam o Messias, e o enclausura em uma das torres de seu palácio. Após um longo discurso sobre as dificuldades de conter a massa e administrar os problemas mundanos e de como Jesus, por todos aqueles séculos, não se dignou a descer dos céus para ajudar, o Inquisidor sentencia: “Amanhã, a um sinal meu, verás aquele rebanho dócil trazer carvões acesos para a fogueira a que subirás¹⁶, por teres vindo estorvar nossa obra. Porque se alguém mereceu mais que todos a fogueira, foste Tu. Amanhã, queimar-te-ei. *Dixi*¹⁷.” O Grande Inquisidor representa o *Katéchon*. Suas intenções são as melhores possíveis, deseja

¹³ GIRARD, R., OUGHOURLIAN, J.M. e LEFORT, G. **Coisas Ocultas Desde de a Fundação do Mundo**. p. 272.

¹⁴ PALAVER, W. **Hobbes and the *Katéchon*: the secularization of sacrificial Christianity**. p. 61.

¹⁵ DOSTOIÉVSKY, F. **Os Irmãos Karamazov**. Tradução de Natália Nunes. São Paulo: Abril, 1970, p. 251 e seguintes.

¹⁶ Dostoiévsky capta neste ponto, de forma semelhante à descrita na Bíblia, a brusca mudança de humor de que as multidões são capazes.

¹⁷ *Dixi* era uma expressão latina comumente utilizada para encerrar discursos, significa “tenho dito”.

salvar a cidade do caos e quem sabe dos linchamentos, saques e até mesmo do canibalismo¹⁸. Mas para isso se vê obrigado a usar do mecanismo sacrificial e ocultar a “verdade”. A intuição de Dostoievsky sobre a atuação jurisdicional da Igreja Católica por meio da Inquisição é certa. De fato, seu poder se baseou, conforme sugere o poema, em três pilares: o milagre, o mistério e a autoridade¹⁹.

O milagre, do latim *miraculum*, que deriva do verbo *mirare*, "maravilhar-se", é um acontecimento sobrenatural que não encontra explicação terrena. É um evento acima de tudo místico, que vai de encontro à desmistificação promovida nos Evangelhos. O reconhecimento da ocorrência dos milagres era (como continua sendo) exclusividade da Igreja Católica, o que tinha e têm importantes implicações políticas²⁰. O monopólio sobre o reconhecimento dos milagres poderia resultar, como no poema de Dostoievsky, na perseguição dos autores de milagres não reconhecidos. Outro efeito disso foi a coibição do surgimento de falsos profetas e charlatães, que poderiam causar perigosas convulsões sociais²¹.

O mistério também estava ligado a questões de poder, já que o monopólio sobre o ensino - e sobre um enorme fluxo de informações contidas nos textos clássicos - dava à Igreja a posição de única instituição supranacional organizada. A resistência à tradução da Bíblia para os idiomas vulgares era também uma medida de *Katéchon*, pois evitava que surgisse um grande fluxo de interpretações e debates que poderiam distorcer a doutrina oficial, ameaçando a ordem. Evitava também que a “anárquica” mensagem original dos Evangelhos fosse disseminada²².

A autoridade, em parte, deriva dos dois primeiros fatores, mas ia bem além disso. Como se estendia por vastos territórios, em um período em que o poder era predominantemente local, a Igreja se tornou árbitro por excelência de disputas entre Reis e Senhores. Se, o direito sobre a terra era um legado de Deus, ser excomungado fazia com que o soberano perdesse o direito à lealdade de seus vassalos (lealdade que havia surgido da partilha de terras). Essa era possivelmente a única sanção não militar temível para um

¹⁸ PALAVER, W. **Hobbes and the *Katéchon*: the secularization of sacrificial Christianity**. p. 61.

¹⁹ Idem. p. 63

²⁰ Um interessante exemplo brasileiro é o do Padre Cícero Romão, que, embora seja tido como “milagreiro” por uma grande quantidade de fiéis, por ter sido excomungado pela igreja não pode ter milagres atribuídos a si.

²¹ Vide os episódios de messianismo no Brasil no fim do século XIX.

²² PALAVER, W. **Hobbes and the *Katéchon*: the secularization of sacrificial Christianity**. p. 62

rei ou nobre feudal. No fim do século, uma questão envolvendo a nomeação dos bispos do Sacrossanto Império Romano Germânico, que ficou conhecida como *Querela das investiduras*, fez com que o papa Gregório VII excomungasse o imperador Henrique IV. Temendo os efeitos dessa excomunhão, Henrique peregrinou pelos Alpes, trajado como penitente, para implorar de joelhos, perdão ao Papa. O imperador partiu de Speyer na Renânia, até o castelo-forte papal em Canossa, onde, por três dias e três noites, permaneceu na neve, à espera do perdão de Gregório VII²³. Esse episódio ficou tão marcado na memória europeia, que a expressão “Ir a Canossa” tornou-se popular em diversos países e permanece viva até hoje²⁴.

A principal distinção entre a cultura mítico-ritual e a cultura cristã sacrificial é que nesta, possivelmente como efeito da “revelação”, está excluída a aleatoriedade na escolha da vítima. A punição do *Katéchon* cristão católico pressupõe a identificação do verdadeiro responsável pelos atos geradores do escândalo. Não são os deuses, por meio de ordálios, que apontam a responsabilidade do perseguido, mas, sim, um processo. As punições não são mais fruto de maldições, mas, sim, estruturadas pela apuração (mesmo que rudimentar) de um fato. Esse processo é conduzido pelos homens, e o acusado passa a ter direito a um paráclito, um defensor, que impede (em tese) a formação da unanimidade. Portanto o processo, desde a Idade Média, começa a ter a estrutura triangular (*Actio trio personarum*) que resiste até os dias de hoje, com acusador, defensor e um juiz²⁵. E assim, durante muitos séculos, o ocidente cristão vive sob uma cultural híbrida, que, ao mesmo tempo em que recebeu a mensagem evangélica da possibilidade da inocência do “bode expiatório”, utiliza desse mesmo mecanismo para manter a ordem social.

Na Idade Média, a Igreja Romana funda os primeiros hospícios, hospitais e orfanatos, em que se recebem pessoas de qualquer procedência, e inclusive pessoas que professam outras fés religiosas²⁶. Criou-se o embrião de uma fraternidade universal, em contraposição às fraternidades da exclusão²⁷. Foi nessa sociedade que se pensou, pela

²³ GIRARD, R. **Rematar Clausewitz**. p. 308.

²⁴ Idem. p. 308

²⁵ **Código de Direito Canônico: Cân. 1723 — § 1. Ao citar o réu, o juiz deve convidá-lo a constituir advogado, nos termos do cân. 1481, § 1, dentro do prazo determinado pelo mesmo juiz. § 2. Se o réu não constituir advogado, o juiz, antes da contestação da lide, nomeie-lhe um, que permanecerá no cargo enquanto o réu não constituir outro.** Disponível em: http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf

²⁶ GIRARD, R. **Veio a Satán caer como el relâmpago**. p.217.

²⁷ MOUFFE, C. **The return of the political**. Londres: Verso, 1993, p.123.

primeira vez, a impensável noção de “justiça social”²⁸. Isso provavelmente foi decorrência da doutrina cristã. Por outro lado, a Igreja continuava fazendo seus “bodes expiatórios” e promovendo perseguições.

Apesar de todos os esforços da Igreja Romana com a aplicação do *Katéchon* como tentativa de retardar a desintegração da ordem cultural, nada pôde evitá-la. A reforma religiosa, as traduções da bíblia nas línguas ditas “vulgares” e a destruição do mundo medieval (impulsionada pelas grandes navegações), levaram a uma enorme ruptura com o modo de vida feudal. Aproximando-se a partir do século XII do poder secular, o Papa virou mais um déspota no cenário europeu. Tal fato contribuiu para deslegitimar a Igreja Romana como árbitro nos conflitos senhoriais, e ao mesmo tempo fomentou insatisfações que culminaram com a reforma. As guerras religiosas varreram o continente no século XVI, levando grandes pensadores como Hobbes, a pensar em formas de poder que pudessem superar o jogo dos “duplos” e restaurar a unidade e conseqüentemente a paz. Hobbes imaginou que se o soberano não submete-se a qualquer moral religiosa, e tivesse como fundamento prático de seu poder a necessidade de manter a paz, esta poderia ser reconstruída. A necessidade de autoridades com poder bastante para cessar os conflitos que grassaram na Europa criou monarquias absolutas. Mas monarcas absolutos não podiam subsistir no mundo “cristão” ocidental, e logo o poder dos reis sacrificadores passou a ser contestado.

A igualdade e a fraternidade cristã formaram o mote para a ideia de indivíduo. O indivíduo é um limite ao poder estatal, e ao mesmo tempo motivo de sua existência. Os Estados democráticos europeus estão atualmente a serviço do indivíduo, o indivíduo substituiu o monarca no centro do poder no ocidente. Com esse indivíduos “gigantes” o Estado torna-se um “enorme mordomo”, mas nada é capaz de agradar a esses pequenos monarcas. Com cada vez mais direitos e garantias para os cidadãos, e uma moral que ganha contornos incrivelmente vastos, o Estado na era “moderna” (sempre em dissintonia com os desejos do povo) é um tirano permanente. A cristã ideia de “justiça social” se converterá em uma bomba relógio. A Igreja falhou, a monarquia não resistiu, ninguém foi capaz de evitar a vertiginosa escalada para o Apocalipse.

5. UM MUNDO DE PEQUENOS “HOMENS DE FERRO”

²⁸ GIRARD, R. *Veio a Satán caer como el relâmpago*. p.210.

Se os Estados se tornam tirânicos as revoluções trazem o “novo”, a promessa de reconciliar moral e política²⁹, há o retorno ao tribal, já que grupos humanos, cada vez menores, enxergam em si o “bem”, e, em face do “outro”, o mal. E este “outro” invariavelmente é o Estado. Nesse caminho, para fazer coincidir moral e política, forjam-se mundos imaginários, que apesar de existirem somente na cabeça de quem luta por eles, passam a pautar as decisões morais dessas “tribos”. Quando vitoriosos, tais movimentos, ansiosos por concretizar o seu próprio paraíso na terra, sacrificam o “outro”, liderados por “heróis” do povo. De Napoleão à Bismarck (que sintomaticamente fora apelidado Homem de Ferro), de Hitler à Stálin, de Mussolini a Mao Tse Tung, os pequenos “homens de ferro”, com seus sacrifícios e violências canalizadas, levaram a morte de milhões de pessoas, e prepararam o caminho para a vinda do verdadeiro Homem de Ferro, o derradeiro.

Se João Batista preparou o caminho para Jesus pregar a unidade pelo perdão, o empenho desses “heróis” irrigou o terreno, para o advento de uma totalidade violenta, para a queda das últimas barreiras de contenção da violência, e para o retorno da “guerra de todos contra todos”. Afinal, o *logos* cristão revela a injustiça das vítima perseguida por esses “heróis”. Se estes são pequenos “Homens de ferro”, as vítimas são pequenos “Cristos”. Com o tempo os enormes poderes que levam a grandes violências serão denunciados como maléficos. Inicialmente se responsabilizará a Igreja, depois a nobreza, depois o capital, e por fim o próprio Estado. O “indivíduo Gigante” nascido na era moderna, não se conforma com qualquer amarra, quer ser absolutamente livre, um deus na terra. Por esta razão o *logos* cristão é o *logos* da libertação, mas também do conflito.

6.O HOMEM DE FERRO NO FIM DA HISTÓRIA

Iron Man, tal como Jesus é um *logos* encarnado, ou seja, traz com sua própria existência um saber sobre algo que até então permanecia oculto. Ambos tentam inicialmente alertar a todos sobre o perigo do caminho violento trilhado pela raça humana. A mensagem não é ouvida em nenhuma das duas histórias. Os homens (transformados em “indivíduos gigantes”), nos dois casos, mostram-se incapazes de renunciar ao desejo e da violência que desejos colidentes podem fomentar. Nem mesmo os discípulos de Jesus

²⁹ KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e Crise*. Rio de Janeiro: Eduerj: Contraponto, 1999.

foram capazes de compreender sua mensagem, acreditaram até o fim que seu mestre fosse converter-se em um potentado e usasse sua liderança para angariar poder temporal. Apenas a “Paixão” revelou aos seguidores a verdadeira mensagem de Jesus. Os primeiros convertidos à fé Cristã, não foram os discípulos que prometeram seguir Jesus até a morte e oferecer sua vida por ele, mas sim, o ladrão Dimas e o Centurião Longinus. Essas duas personagens, o primeiro, um fora da lei e o segundo, um representante desta, são os primeiros a reconhecer a injustiça cometida contra Jesus. Logo de início os eventos relacionados à “paixão de Cristo”, apontam para o que será futuramente a doutrina da unidade. O cristianismo não pretende fazer Justiça terrena, visto que revela a incompletude e falibilidade da justiça dos homens, por isso, impõe o perdão ao perseguidor e ao perseguido, ao defensor da ordem e ao promotor do caos.

Da mesma maneira, o “Homem de Ferro” tenta convencer pela palavra, mas seus interlocutores igualmente o ignoram. Jesus, como ele, é um *logos* expulso, ele só se manifesta enquanto mensagem quando sacrifica a si, autenticando seus próprios anúncios³⁰. O *logos* encarnado pelo Iron Man, também se manifesta após o esgotamento das tentativas de anúncio. Os que ouvem a sua mensagem pensam poder despistá-lo. Seguem com suas práticas e se perguntam “por que devemos nos importar?”. Na verdade subestimam a profecia trazida pelo herói, a mensagem da inevitabilidade do fim. Profeta do apocalipse, o saber trazido pelo “Homem de Ferro” também conduz a uma necessária unidade. Porém, enquanto a unidade cristã se faz pelo perdão, a unidade do Iron Man se dá com a destruição de todos. Cristo sacrifica a si para mostrar o que está oculto atrás da cultura humana (o que leva à desintegração gradual da ordem cultural), o “Homem de Ferro” sacrifica a humanidade (extinguindo a cultura). Portanto, enquanto Jesus une pela revelação, acendendo uma candeia para iluminar o que se escondia nas trevas, o Iron Man sopra a chama, e faz eterna a escuridão.

Obviamente trata-se de unidades diametralmente distintas. A destruição promovida pelo Iron Man corre mais rápido que suas vítimas. Desenvolve-se em um tempo profano, tempo da vingança e de toda espécie de retribuição, que cobra pressa. O tempo da violência comunitária se dá como uma irrupção, uma avalanche, uma torrente. É um tempo que consome a si próprio, porque traga até mesmo os relógios. Mas, embora destrutivo, não passa jamais, é cíclico, um eterno retorno do mesmo. Iniciado o ciclo de vingança e

³⁰ Jesus anuncia por três vezes que será assassinado, o que recebe pouco crédito entre seus seguidores. Estes por mais de uma vez prometem morrer para salvar seu mestre.

violência, ele se consome sobre si próprio e conduz a uma inevitável retribuição. Esta sempre retorna mais forte. Das ofensas aos tapas, dos tapas aos socos, dos socos às facadas, das facadas aos tiros, dos tiros à armas químicas, das armas químicas às bombas nucleares, das bombas ao “Homem de Ferro”. Ao tempo anunciado pelo Iron Man ninguém se furtará. É o iniludível chamado de uma *antiga rota* pela qual temos caminhado século após século. O “Homem de Ferro” é o arauto dessa escalada final para os extremos.

A revelação cristã tem um efeito ambivalente. Por um lado priva as comunidades de suas “muletas sacrificiais”, acelerando a desintegração da ordem cultural e o retorno do homem ao seu estado natural (guerra de todos contra todos). Por outro, oferece uma alternativa ao infundável ciclo de desejo, rivalidade e violência. A revelação, operada pela paixão, oferece um “modelo” absolutamente novo. Imitando a Jesus é possível resistir ao desejo, furtar-se às rivalidades, perdoar as ofensas e renunciar às vinganças. Para aqueles que assim procedem, numa perspectiva cristã, o “reino de Deus” já chegou. A renúncia e o perdão alçam o homem a um outro tempo. Tempo em que nada é cobrado, em que a pressa perde todo o sentido. Agostinho chamava de “eternidade” esse tempo que não podia ser medido pelos homens. Esse tempo que não passa, repouso em que se encontra não a morte, mais outra espécie de paz. É o tempo em que o sagrado finalmente se revela. Porém, somos (homens “modernos”) absolutamente impossibilitados de encontrar a eternidade do perdão, da renúncia. Tomados pelo desejo, somos incapazes de olhar para dentro de nós. Vivemos à caça do “outro” (esse grande responsável por todos os nossos problemas). A responsabilidade não nos cabe, a menos que tudo seja feito a nossa imagem e semelhança. Em alguns poucos séculos de “liberdade” criamos novas formas para economia, política, governo, novas religiões, só não conseguimos a sonhada paz. A paz só parece possível quando suprimido o “outro”. O “outro”, por sua vez, vê em nossa eliminação a solução de tudo. Tornamo-nos deuses, mas ainda não aprendemos a perdoar. E simplória mensagem do Iron Man, sempre atual, sempre dolorosa, é de que nenhum de nós sobreviverá a essa guerra de “Titãs”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: “EU SOU O HOMEM DE FERRO!”

*“Botas pesadas de chumbo/ Enche suas vítimas de terror/
Correndo o mais rápido que elas podem/ O Homem de Ferro vive novamente!” (Iron Man, Black Sabbath)*

“O homem de ferro vive novamente”, é o que diz o final da canção. Pisando, com suas botas, naqueles que antes havia salvado; os mesmos que o escarneceram. É Cristo que se transforma em "Homem de Ferro" quando atravessa a história. Por isso, o Iron Man da canção e o Cristo dos evangelhos são o mesmo: ambos salvam os homens, ambos trazem o Apocalipse. "É uma vingança do túmulo", de todas as vítimas inocentes assassinadas desde a fundação do mundo e que agora, no fim da história, assistem os homens consumirem-se na espiral de violência. No jogo dos duplos, cheios de horror, tomados pelo escândalo, matando-se uns aos outros. Privados de “bodes expiatórios”, a vingança dissemina-se, acelerando a história, pois a revelação progressivamente desintegra a ordem e divide o mundo: "Porque se levantará nação contra nação, e reino contra reino" (Marcos 13:8) "E o irmão entregará à morte o irmão, e o pai ao filho; e levantar-se-ão os filhos contra os pais, e os farão morrer." (Marcos 13:12). Enchendo suas vítimas de terror, ninguém escapa ao “Homem de Ferro”: ele corre mais rápido do que todos, pois seu tempo é o da vingança, que reside dentro de cada um de nós. Ele vive em um reino dividido contra si próprio, em que o amor esfriou. Ele é a escalada para os extremos, a suprema realização da humanidade: o “Homem de Ferro” é a violência que vive novamente!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DOSTOIÉVSKY, Fiodor. **Os Irmãos Karamazov**. Traduzido por Natália Nunes. São Paulo: Abril, 1970.
- GIRARD, René. **A violência e o Sagrado**. Traduzido por Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 1990.
- GIRARD, René. **O bode expiatório**. Traduzido por Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004.
- GIRARD, René; OUGHOURLIAN, Jean-Michel; e LEFORT, Guy. **Coisas Ocultas Desde de a Fundação do Mundo**. Traduzido por Martha Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- GIRARD, René. **Rematar Clausewitz**. Traduzido por Pedro Sette-Câmara. São Paulo: É Realizações, 2011
- GIRARD, René. **Dostoievski: do duplo à unidade**. Tradução de Roberto Mallet. São Paulo: É realizações, 2011.
- GIRARD, René. **Veio a Satan caer como el relámpago**. Traduzido do francês por Francisco Díez del Corral. Barcelona: Anagrama, 1999.
- KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e Crise**. Rio de Janeiro: Eduerj: Contraponto, 1999.
- MOUFFE, Chantal. **The return of the political**. Londres: Verso, 1993.
- PALAUVER, Wolfgang. Hobbes and the *Katéchon*: the secularization of sacrificial Christianity. **Contagion**. Innsbruck, vol. 02, Primavera – 1994. Disponível em <http://www.uibk.ac.at/theol/cover/contagion/contagion2/contagion02_palaver.pdf>. Acesso em 12 de maio de 2012.
- VATICANO. **Código de Direito Canônico**: Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf>. Acesso em 13 de maio de 2013.